

AS MUTAÇÕES DA PAISAGEM CULTURAL. ENTRE A LEGITIMIDADE E A LEGITIMAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL EM SUA FORMA ESCOLAR.

Zaia Brandão – PUC-Rio

Resumo:

Utilizando um *survey* realizado em escolas do município do Rio de Janeiro, e um outro, de caráter internacional, que avaliou as imagens sobre as desigualdades educacionais e sociais em diversos países dos continentes europeu e americano, a autora argumenta que, apesar das mutações da paisagem cultural nas últimas décadas, a tese de enfraquecimento do poder da escola de imposição de uma ordem cultural legítima não se sustenta. A intensificação dos processos de socialização escolar estaria contribuindo para a legitimação do poder da escola, entre os diferentes estratos da população brasileira, como via de acesso a melhores posições no mercado de trabalho e na vida social e elemento possível de contribuir para minorar as desigualdades no plano social.

Palavras-chave: mutações culturais, legitimidade cultural, legitimação cultural, forma escolar

Abstract:

Based on a survey developed in schools of the city of Rio de Janeiro, and another one, with international scope, which has evaluated the images of educational and social differences in several countries of the European and American continents, the author arguments that, despite the mutations of the cultural panorama in recent decades, the thesis of the decay of the school power to impose a legitimate cultural order does not sustain. The intensification of the school socialization processes contribute to the legitimation of the school power, among different strata of the Brazilian population, as a mean of access to better positions in the labor market and in society, and as an element with the possibility to contribute to reduce the social levels dissimilarities.

Key words: Cultural changes, cultural legitimacy, cultural legitimation, school form

Embora seja pertinente questionar a existência de uma *ordem cultural legítima*, os argumentos desenvolvidos neste texto, apoiados em material empírico de várias fontes, apontam para a legitimação da ordem cultural imposta pelos processos de escolaridade bem sucedidos.

Minha argumentação se desenvolverá em três tempos.

Num primeiro momento, apresento uma síntese dos resultados do *survey* "Percepções de Desigualdades" (IUPERJ/FAPERJ, *International Social Survey Programme*²³), como apoio à minha argumentação sobre a improcedência da tese de *enfraquecimento do poder da escola na imposição de uma ordem cultural legítima*.

Num segundo momento, levanto a hipótese de que a intensificação dos processos de socialização escolar estaria contribuindo para a legitimação do poder da escola, entre os diferentes estratos da população brasileira, como via de acesso a melhores posições no mercado de trabalho e na vida social.

Num terceiro momento, trago outros elementos de base empírica - o programa de pesquisas do SOCED/PUC-Rio²⁴ - para explicitar como os padrões de formação das elites escolares parecem corroborar a visão de Bourdieu da sociologia da cultura como uma sociologia do poder.

1. A educação escolar e as imagens de desigualdades no Brasil

O *survey* (IUPERJ/FAPERJ/ISSP) - que objetivou *descrever a visão dos brasileiros sobre os diferentes fatores que contribuem para a manutenção ou*

²³ O Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ é a instituição que representa o Brasil no *International Social Survey Program* -ISSP, programa de colaboração entre países para realização de *surveys* sobre tópicos relevantes para pesquisas em ciências sociais.

²⁴ O SOCED/PUC - Rio, Grupo de Pesquisas em Sociologia da Educação, é apoiado pelo CNPq e FAPERJ.

superação das desigualdades sociais - teve cobertura nacional, e foi desenvolvido no ano de 2001 em 195 municípios com uma amostra de 2000 entrevistados, representativa da população brasileira com idade igual ou superior a 18 anos²⁵. As respostas foram tabuladas em função da posição social auto-declarada pelos entrevistados em uma escala de sete níveis, associando as percepções às suas posições relativas, bem como à própria percepção na configuração da estratificação social do país.

Os resultados do *survey* foram analisados sob diversos ângulos, entre eles: a visão das elites (Reis: 2004), a naturalização das desigualdades (Souza: 2004), a mobilidade social passada e futura (Costa Ribeiro: 2004), na perspectiva comparativa internacional (Scalon: 2004), oferecendo à pesquisa uma densa possibilidade de interpretações. Entretanto, neste momento destaco apenas as percepções mais diretamente relacionadas com o tema em discussão.

Alguns resultados do *survey* no Brasil foram surpreendentes, quando comparados com as respostas obtidas em outros países. A primeira delas refere-se à percepção de forte desigualdade na sociedade brasileira, por todos os estratos, simultaneamente com uma aparente legitimação dessas mesmas desigualdades. Quando indagados sobre as diferenças salariais atribuídas pelos respondentes a diversas ocupações²⁶, o Brasil foi o país que apresentou maiores índices de disparidade entre o salário proposto para a ocupação de base e a do topo da hierarquia, indicando claramente que as ocupações que requerem credenciais de ensino superior são entre nós mais valorizadas, do que em qualquer dos outros sete países selecionados para a comparação²⁷. Cabe destacar que a disparidade encontrada é mais surpreendente ainda, se levarmos em conta que a questão principal do *survey* não se referia a diferenças *reais* e sim a diferenças atribuídas pelos respondentes como *ideais* ou *justas*. Ao estabelecerem distâncias

²⁵ O critério de seleção foi probabilístico, até o nível domiciliar, com cotas de sexo, idade, escolaridade e renda seguindo os critérios da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD.

²⁶ A partir de uma pergunta sobre qual deveria ser a remuneração de diferentes ocupações foi calculada a média dos valores atribuídos pelos respondentes.

²⁷ Estados Unidos, Hungria, Suécia, Rússia, Espanha, Portugal e Chile.

significativas entre os salários, os brasileiros legitimam as desigualdades referentes aos níveis superiores de educação.

Um segundo conjunto de questões do mesmo *survey* serviu para aprofundar a compreensão do grau de legitimação dos mecanismos de estratificação, entre os quais se encontra a educação. Além da valorização das credenciais escolares, os brasileiros atribuíram maior importância à inteligência e à qualificação do que ao esforço. Para Scalón (*ibid*, p.321) "isso indica uma perspectiva em que a escolarização não é apenas um diferenciador importante, mas representa uma justificativa ética e moralmente aceitável para profundas distâncias salariais entre os trabalhadores".

O Brasil, assim como Portugal estariam entre os países que mais concordam com a utilização das diferenças educacionais como critérios de estratificação, entretanto, *acreditam serem injustas as diferenças entre ricos e pobres no acesso à educação de qualidade* (idem, p. 324); Chile, Espanha e Suécia concordam com esses critérios de estratificação, apenas com menos ênfase; já Estados Unidos e Hungria parecem não ver a educação como diferenciador importante para a aquisição de riqueza, atribuindo igual importância a outros fatores.

Os brasileiros e norte-americanos, segundo Scalón, *demonstraram maior crença de que em suas sociedades prevalecem determinantes de renda justos e éticos* (*ibid*, p. 340), o que pode ser entendido como maior tolerância às desigualdades.

1.2 A socialização escolar expandida

Nelson Valle e Silva e Carlos Hasenbalg (2000), analisando a estratificação escolar no Brasil assinalam a redução generalizada das desigualdades educacionais brutas no país, notadamente entre as regiões, grupos de cor, gêneros e estratos de renda, nas três últimas décadas. Segundo eles "(...) aproximadamente 60% dessa melhoria é devida à mudança nas condições de vida e à distribuição geográfica das

famílias, devendo-se os 40% restantes às melhorias efetivas no desempenho educacional" (*ibid*, p.423).

A obrigatoriedade legal, associada ao aumento da permanência na escola, de amplos setores das camadas populares tornou a socialização escolar um processo generalizado entre nós. A aspiração por trajetórias escolares cada vez mais longas, por parte dos setores antes excluídos da escola, argumenta fortemente na direção da centralidade (e poder) da escola em impor padrões de linguagem e valorização dos conteúdos dos currículos oficiais, em direção contrária ao suposto enfraquecimento de seu poder de imposição de uma ordem cultural (seja ela legítima ou não).

Nas últimas décadas os movimentos pela democratização da universidade, alteraram significativamente o perfil dos seus estudantes, ampliando entre os universitários a presença de setores das camadas populares. Os vestibulares comunitários mais numerosos e as políticas de cotas, além do aquecimento do mercado de ensino superior com a ampliação da oferta de vagas, são fatores eloqüentes a respeito da demanda crescente dos níveis superiores de ensino, viabilizando, por sua vez, trajetórias escolares cada vez mais longas aos brasileiros. À medida que cresce a demanda ampliam-se também os horizontes de escolha dos setores populares, antes restritos a algumas poucas carreiras de menor *status* (pedagogia, serviço social, enfermagem, entre outras).

As políticas de avaliação dos sistemas escolares e a divulgação pública dos seus resultados, fortemente comentadas pelas mídias, favoreceram o debate sobre a qualidade do ensino com desdobramentos sobre as condições de escolha, inclusive, por aqueles que anteriormente não dispunham de critérios mais objetivos a respeito do desempenho das escolas. Cresceram, assim, as demandas por um ensino fundamental e médio de maior *status*, visível na intensa procura pelas escolas federais (Pedro II, CEFET e os Colégios de Aplicação das Universidades Federais e Estaduais), tradicionalmente melhor posicionadas nos *rankings* escolares.

Os processos de sorteio de vagas com o objetivo de tornar menos seletivo socialmente o ingresso nessas escolas tem contribuído para aumentar as expectativas dos setores populares em ingressar em escolas mais "exigentes"; o que, por sua vez, significa a aspiração de acesso aos conhecimentos valorizados socialmente e tradicionalmente reconhecidos como *legítimos*. Tais conhecimentos fazem parte do capital escolar adquirido pelas elites nas escolas de maior prestígio, normalmente situadas nos patamares superiores das escalas de proficiência (desempenho), derivadas dos exames oficiais (ENEM, Prova Brasil, ENADE, SAEB, etc.).

2. As mutações na paisagem cultural e os novos padrões de distinção social

O SOCED, desde 2002, vem desenvolvendo uma série de pesquisas sobre as *elites escolares*²⁸ do Rio de Janeiro. Nove escolas da cidade, reiteradamente apontadas como entre as melhores do município, formaram a base do primeiro *survey SOCED*, composto por três questionários (alunos, pais e professores), que tinha por objetivo traçar um perfil sócio-cultural desses agentes, assim como mapear certas características do clima e práticas escolares²⁹ com os quais essas escolas destacam-se no cenário carioca como estabelecimentos de qualidade.

Entre as nossas hipóteses iniciais, pautadas na obra de Bourdieu, estava a de que encontraríamos - ainda que atenuadas pela forte presença da mídia e da cultura de consumo num centro urbano como o Rio de Janeiro - práticas da *alta cultura* entre os agentes escolares. No entanto, os perfis delineados a partir dos dados produzidos pelo SOCED evidenciaram uma distância muito maior do que supúnhamos

²⁸ Por *elites escolares* entendemos os estudantes que se escolarizam nas escolas que se situam no ápice dos *rankings* de qualidade de ensino, e que graças ao padrão da formação escolar, tendem disputar e ingressar nos cursos e universidades de maior prestígio e a consolidar e expandir um capital social potencialmente importante para a sua trajetória sócio-profissional.

²⁹ Em 2009 o SOCED deu continuidade ao seu programa de pesquisas com uma nova amostra de oito escolas - quatro municipais e quatro privadas - todas elas situadas nos patamares superiores de desempenho no ENEM e na Prova Brasil, com o objetivo de aprofundar determinados aspectos que permitam avaliar melhor os efeitos-escolas.

da frequência às práticas de *alta cultura*, tais como descritas por Bourdieu em sua vasta obra.

Canclini (1990)³⁰ já havia questionado a presença de uma classe hegemônica entre os latino-americanos - equivalente à burguesia nos estudos franceses - em condições de impor ao sistema inteiro sua matriz de significações. A presença de um campo simbólico fragmentado, fortemente marcado pela heterogeneidade cultural, segundo o mesmo autor, teria formado um *compósito simbólico e econômico*, com características bastante diferentes daquelas encontradas nos países capitalistas centrais.

Mesmo quando a modernização econômica em países periféricos, através dos grandes sistemas de comunicação e da massificação escolar, procura promover certa homogeneização, a coexistência de tradições diversas, associadas à intensa criação e difusão da cultura de massa e à diversificação de produtos contemporâneos, produzem e reproduzem permanentemente a *heteronomia* no plano cultural. Mas como assinalou Ortiz (1994):

(...) os "gêneros de vida" são substituídos por "níveis de vida" de uma sociedade de consumo. Níveis que, ao libertar os indivíduos de suas origens sociais, os reagrupam enquanto "estilos de vida" (...) fazendo surgir novas modalidades de consumo. Os consumidores sócio-conscientes querem ser tratados como indivíduos, não como parte da massa. Não nos encontramos diante de um simples entendimento do mercado, mas em face de um universo de valores, de uma ordem simbólica que distinguem entre indivíduos "superiores" e "inferiores". (*ibid*, p. 207-8)

A exploração do nosso material de pesquisa, em diálogo com os estudos sobre os novos cenários culturais, levou-nos a apoiar a hipótese de que, sob a capa da democratização dos gostos estéticos e das práticas sociais, novas formas de estratificação têm sido reconstruídas, preservando a distância material e simbólica entre as elites e outros setores da população. Assim, a análise que se segue, dos hábitos e das práticas culturais dos alunos e pais das escolas investigadas por nós,

³⁰ Baseado, entre outros, em pesquisas de Sergio Miceli e Renato Ortiz.

apesar de indicar o enfraquecimento das práticas relacionadas à chamada *alta cultura* e sugerir a procedência das análises sobre a *flexibilização* das fronteiras entre o legítimo e o ilegítimo no campo cultural, permitiu que desenvolvêssemos uma reflexão sobre a possibilidade das estruturas sociais retraçarem, sob novas roupagens, outras formas de distinção.

A crescente incorporação pelos jovens, que frequentam as escolas de maior prestígio, de elementos da cultura de consumo, embora respondam às características de fragmentação dos públicos aos quais se dirige, parece não alterar as distâncias entre padrões de escolarização e estilos de vida dos segmentos superiores das hierarquias sociais e os demais segmentos. Essa tensão entre a crescente *flexibilização das fronteiras* no campo cultural, não parece ter alterado as distâncias entre as trajetórias escolares e expectativas sociais das elites escolares em relação à maioria da população. Ortiz (1994) já havia assinalado que no contexto latino americano e, analogamente no brasileiro:

(...) as hierarquias entre ser "culto" ou "inculto" não podem ser aquelas sugeridas pela realidade européia. Os mecanismos de distinção apontados por Bourdieu evidentemente existem, mas incidem sobre uma outra matéria cultural. A mobilidade, característica da vida moderna torna-se sinal de distinção (*ibid*, p.191).

Nossos dados indicam uma intensa mobilização dos jovens, não só no trânsito pela cidade para cursos, práticas desportivas, como em viagens no Brasil e nos exterior.

Pesquisas como as de Donnat (2003, 2004) e Coulangeon (2004) ajudaram-nos a refletir sobre os novos contornos da estrutura e volume de capitais das elites estudadas, que responderiam pela permanência de padrões distintivos das práticas sócio-culturais desses grupos.

Coulangeon, em artigo de 2004, questionou a pertinência da tese da obsolescência do modelo da distinção entre classes sociais (Bourdieu), contra-argumentando que tanto o capital econômico, quanto o social estariam contribuindo

para a recriação das distâncias sócio-culturais em novos padrões, nos quais o próprio capital econômico recobriria o seu poder, diante do *enfraquecimento do poder de distinção* das práticas culturais. Na mesma direção de Canclini e Ortiz, referidos anteriormente, o autor afirma:

(...) algumas evidências empíricas impõem, em primeiro lugar, romper com a visão de uma classe dominante unificada pela veneração das obras de cultura erudita. Parece, de fato, que *hoje em dia, o estilo de vida das classes superiores se caracteriza menos pela legitimidade cultural das preferências e dos hábitos do que pelo ecletismo dos gostos e das práticas.*

(Coulangeon, 2004, p. 60 - Grifos nossos).

O material empírico construído pelo nosso programa permitiu que formulássemos algumas hipóteses empírico-teóricas sobre as múltiplas possibilidades de conversão e reconversão de capitais, por parte de agentes dotados de volume e estruturas de capitais ampliados. Este é o tema explorado no próximo item.

2.1 A estrutura interna do capital cultural das elites escolares

O volume de capital-informação (Dantas, 2002) acumulado pelos alunos e suas famílias, e associado aos padrões de escolaridade a que são e foram submetidos, sugerem um forte potencial de distinção - derivado da ampliação da estrutura interna do capital cultural³¹ e das conversões de capitais daí decorrentes - que incrementam as condições de jogo na vida social, ou seja, de disputa por melhores posições nos campos sociais.

Uma das dimensões mais relevantes na caracterização do grupo estudado, no campo das práticas culturais, é, portanto, o acesso à informação. A qualidade da vida social nos espaços urbanos, crescentemente complexos das grandes metrópoles

³¹ Da qual fazem parte o capital lingüístico, informacional, artístico, literário etc., potencializados, por sua vez, pelo trânsito em viagens nacionais e internacionais.

- como o Rio de Janeiro - demanda um tipo de conhecimento permanentemente atualizado que articule o nível local aos cenários mundiais/globais. Essa articulação ajuda a compreender e significar o cotidiano, assim como permite o desenvolvimento de estratégias a partir da antecipação de cenários futuros de curto prazo. Essa possibilidade no mundo contemporâneo, no entanto, não é democraticamente distribuída, pois é fortemente condicionada pelas estruturas sócio-econômicas. Ela está ligada ao uso intenso de novas tecnologias de informação, consideradas não só como um simples meio - que produz, armazena e transmite o capital-informação - mas como vias de escoamento e orientação do fluxo de trocas materiais e simbólicas. Dessa forma:

(...) o capital-informação tende a dividir os homens e mulheres em ricos e pobres em informação, em aqueles que geram valor-informação para o capital e aqueles excluídos do processo de geração, registro, comunicação e consumo de *informação-valor*. (*ibid*, p. 198).

No Brasil, as classes médias e altas, razoavelmente supridas de serviços básicos, passam a demandar serviços interativos que lhes dêem acesso a novos padrões e comportamentos de consumo e entretenimento (televisão por assinatura, compras *on line*, internet, etc.). Estas ações, por sua vez, têm conseqüências importantes sobre os gostos e padrões de consumo dos diferentes estratos da população.

Cabe destacar que o *capital-informação*, analisado por Dantas (*idem*), gera *valor-informação*, com importantes desdobramentos no plano material e simbólico, podendo ser convertido em capitais econômico e social. Sobre a especificidade do capital cultural do grupo estudado, consideramos que o *capital-informação*, como componente interno do capital cultural, tem fortes repercussões nos estilos de vida, consumo e, sobretudo, no desempenho social e escolar.

O acúmulo do capital informacional do grupo estudado evidencia-se por meio da leitura de revistas informativas: 79% dos pais lêem as revistas semanais de maior circulação no país (*Veja, Isto é, Época*); destes, 34% lêem uma, 24% duas e

20% três ou mais. Dentre os 96% que lêem regularmente jornais, 38% lêem pelo menos um, 30% dois e 29% três ou mais³². Tais dados *colocam* estes pais em uma posição de potenciais disseminadores de opinião no contexto da população brasileira.

O padrão de capital informacional dos pais reproduz-se entre a prole: 34% dos alunos lêem jornais e/ou revistas e mais de 45% realizam a leitura semanal das revistas informativas anteriormente citadas. Ainda em relação aos hábitos de leitura, constatamos que mais de 67% utilizam a internet com frequência, ou seja, desenvolvem uma prática de leitura cada vez mais disseminada entre os jovens brasileiros desse grupo³³.

Em um texto recente, Olivier Donnat - responsável por um importante *survey* sobre os hábitos culturais dos franceses - ao analisar as formas de transmissão das *paixões culturais*³⁴ no contexto francês, destacou os pais como a principal *fonte dessas paixões*, assinalando:

(...) a cultura continua, em relação aos outros domínios de tempo livre, um lugar onde os mecanismos de reprodução funcionam com maior eficácia e onde as desigualdades, medidas ao início do nível de estudos ou pela origem social, permanecem fortes.

(Donnat, 2004: 212 - Grifos nossos).

³² Para os interessados em uma visão completa dos perfis sócio culturais dos agentes estudados, consultar artigo de Brandão, Z. e Martinez, M. E. (2005).

³³ Locais públicos de acesso à internet, hoje bem mais disseminados, inclusive em bairros populares, são ainda privilégio de poucos no Brasil. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (<http://www.cg.org.br>, acesso em 18 de abr. de 2008) indicam que mais da metade da população brasileira (54%) nunca usou computador, tendo somente 1/3 acessado a rede. Apenas 14,49% dos domicílios tinham acesso à internet, dos quais 18,74% estavam na região sudeste, em 81,49% das famílias da classe A.

³⁴ Os dados da pesquisa de Donnat (2004) indicam que mais de um terço dos 5200 indivíduos com idade acima dos 14 anos interrogados declarou ter recebido de seu meio uma atividade que tem importância em sua vida, uma "paixão", seja no domínio cultural, lazeres científicos, línguas etc.

As práticas culturais dos estudantes estudados pelo SOCED indicam resultados bastante consistentes com essas observações de Donnat (2004), os filhos parecem seguir e ampliar³⁵ as experiências dos pais.

Em relação à leitura desses jovens, apuramos, ainda, que 54% afirmam adorar ir a livrarias e 38% indicam a leitura como uma de suas atividades prediletas³⁶. Na pergunta sobre *quais livros tinham lido e mais gostado nos últimos dois anos*, 87% lembraram-se de três livros, 8% indicaram dois e 2% um livro (apenas 3% deixaram a questão em branco). Em um país de poucos leitores e se levarmos em consideração a faixa etária destes estudantes (13-14 anos) certamente este grupo de jovens distingue-se por ter a literatura entre o elenco de suas práticas sociais/culturais³⁷.

A preferência em relação aos programas de TV reforça a nossa tese a respeito do volume do capital informacional desse grupo: 95% dos pais indicaram jornais e noticiários. As freqüências relativas aos outros programas são filmes e/ou seriados (78%), documentários (75%), esportes (55%) e shows ou musicais (53,5%). Telenovelas (48%) e programas humorísticos (37,5%)³⁸ estão entre os programas menos citados. Os programas de auditório, um dos itens preferenciais dos setores populares, tiveram baixa expressão (11%). Essa hierarquia evidenciada na proporção das preferências por programas de TV expressa claramente o valor conferido às informações e à manutenção do capital informação por estes agentes.

³⁵ Os jovens hoje estão muito mais expostos, em comparação com a geração de seus pais, a uma maciça e diversificada oferta de produtos culturais, assim como ao acesso das mais variadas formas de uso do tempo livre.

³⁶ No entanto, cabe destacar que 22% dos estudantes investigados afirmaram que acham difícil ler livros até o fim.

³⁷ Consultar a respeito: Xavier, Alice (2009).

³⁸ É importante ressaltar que, apesar de a maioria dos questionários ter sido respondida pelas mães, causou surpresa o baixo percentual para as telenovelas, uma vez que estas são um dos produtos culturais mais abrangentes da televisão brasileira e, segundo as pesquisas de opinião, freqüentemente solicitadas por algumas redes de televisão, um item importante do consumo feminino, com altos índices de audiência. É possível, entretanto, que a baixa taxa na indicação de telenovelas tenha sofrido um processo de autocensura por parte das famílias de camadas médias que responderam ao nosso questionário.

3. Com e para além de Bourdieu, algumas hipóteses sobre a transformação dos *habitus*

Cabe lembrar que Bourdieu, ao cunhar o conceito de capital cultural na década de 1960 fundamentava-se na hipótese deste *novo tipo de capital* funcionar como uma espécie de re-tradução do capital econômico em hierarquias culturais, naquelas sociedades onde o poder e os privilégios não se traduziam mais pelas propriedades e títulos de nobreza. O capital cultural produzia, assim, um poder de distinção mais refinado, em virtude de sua dupla arbitrariedade: (1) o desconhecimento do caráter de classe das práticas culturais e (2) o reconhecimento da cultura das elites como a única legítima.

As transformações do campo cultural, desde as décadas finais do século passado, amplamente analisadas pela literatura pertinente, vêm modificando os padrões das práticas culturais e sociais, que antes distinguiram os grupos situados nos níveis mais elevados das hierarquias sociais. Essas mudanças, segundo Coulangeon (*idem*):

(...) fragilizam o modelo de "La Distinction", mas não o desqualificam (...) o ecletismo das classes superiores encarnam, de alguma maneira, a forma contemporânea de uma legitimidade cultural - fundada sobre a tolerância estética e a transgressão das fronteiras entre as gerações, grupos sociais ou comunidades étnicas - em relação à qual a estratificação social das atitudes permanece muito acentuada. O que está em causa não é tanto o mecanismo descrito em A Distinção, mas a natureza de suas manifestações, em um ambiente cada vez mais incerto em virtude da fragmentação da produção cultural.

(op. cit. p. 80 - Grifos nossos).

Este ecletismo pode ser percebido, tanto a partir dos dados produzidos pelo nosso *survey*, como nas pesquisas sobre práticas e consumos culturais indicados por Ortiz (1994)³⁹. Tal ecletismo nos levou a focalizar as condições de manutenção das distâncias sociais na triangulação entre padrões de consumo, estilos de vida e

³⁹ Consultar especialmente o capítulo VII - Legitimidade e Estilos de Vida (op. cit. p.p. 183-215).

estrutura de capitais dos grupos estudados. As práticas culturais, mais do que pelos conteúdos, se distinguem pelo estilo, intensidade e espaços físicos onde se realizam. É o caso, por exemplo, da frequência a museus (no Brasil, ou no exterior), do aprendizado de línguas estrangeiras (em cursos extra-curriculares ou em escolas bilíngües), dos títulos universitários dos pais e dos professores desses estudantes (em universidades tradicionais ou nas recém criadas com a "democratização" universitária), do acesso às informações e ao mundo digitalizado (via escola e mídia, ou através de viagens e dos incontáveis recursos presentes nos quartos e nas casas) entre os jovens estudados.

A multiplicidade de recursos de ordem material, cultural, simbólica e econômica - indicada por uma boa parcela dos estudantes e pais - oferece condições muito particulares de ampliação do *habitus*, acrescentando-lhes oportunidades para manter ou melhorar as posições de distinção relativa que ocupam nos campos sociais:

A complexificação do *habitus*, decorrente das possibilidades de circulação dos agentes por vários campos, hipoteticamente oferece maiores condições da sua diversificação estrutural, assim como de aumento do volume total do capital. Assim, os agentes dotados de *habitus* complexos, em princípio otimizam suas chances de alcançar posições sociais mais elevadas no espaço social. Num sentido inverso, certos grupos de agentes que, em virtude das condições sociais de vida, são levados a ficar a maior parte do dia no trabalho, têm menos oportunidades de atuar em diferentes campos e em consequência da estrutura e volume de capital mais simples teriam diminuídas as suas chances de conversão e reconversão de capitais e, portanto, de atuar vantajosamente nos diferentes campos.

(Brandão e Altmann, 2005).

Essa espécie de plasticidade do *habitus* é, a nosso ver, um dos principais trunfos das novas elites para garantir a sua distinção, a qual por sua vez, ancora-se em padrões de vida e consumo, normalmente possíveis às camadas sociais que se encontram nos níveis superiores de renda no Brasil, tal como as representadas pelos

sujeitos de nosso *survey*. Tudo nos leva a crer que Coulangeon (2004) está certo ao sublinhar a necessidade de uma maior atenção para o componente propriamente econômico da persistência das distinções na esfera cultural:

O desafio teórico que representam as mudanças observadas na estratificação social dos gostos e das práticas culturais obriga-nos à análise da produção dos efeitos de legitimação em um contexto em que as elites perderam o monopólio de prescrição das normas culturais. A sociedade francesa contemporânea (também a brasileira, diríamos) aparece deste ponto de vista, como uma sociedade onde as desigualdades sócio-econômicas não são mais tão fortemente sustentadas, como no passado, pelas formas de dominação simbólica.

(*idem*, p. 81).

As elites escolares estudadas evidenciam um repertório de práticas sociais, que são o resultado da capacidade de circulação destas elites por diferentes campos, onde capitalizam novos recursos para a ampliação da estrutura e volume de capitais, com que lutam para manter a *distinção* no espaço social. A combinação tempo livre/recursos pesa sempre a favor daqueles que na divisão social do trabalho têm o privilégio de optar pelo ofício intelectual.

A disponibilidade das tecnologias eletrônico-digitais em âmbito privado, como no caso dos agentes estudados, vem alterando até mesmo o significado de *estar em casa* para esses jovens e suas famílias, os quais podem estar conectados aos amigos e ao mundo pela internet ou usufruindo um sem número de práticas de lazer cultural. Este mundo disponível a um toque do controle remoto expressa de forma eloqüente, a separação radical entre as minorias ricamente informadas que usufruem de um padrão de vida, só acessível aos estratos superiores, e às maiorias que sobrevivem com pouco mais de um salário mínimo, e cujas informações dependem da mediação quase que exclusiva da TV e do rádio, e dos eventuais acessos às *lan houses*, crescentemente presentes nos bairros populares.

O crescimento do ecletismo dos gostos e das práticas das classes superiores e a segmentação do meio cultural das classes populares constituem as duas faces de uma mesma realidade, a saber, a dificuldade crescente em equiparar

os grupos sociais com repertórios de práticas e de preferências unificadas e homogêneas, no mesmo momento em que as desigualdades econômicas entre estes grupos vão, sobretudo, se reforçando. Esta *desunificação* das culturas de classe, em um contexto de desigualdades crescentes, manifesta a importância específica e muitas vezes negligenciada dos parâmetros puramente econômicos da estratificação social dos estilos de vida.

(Coulangeon, 2004, p. 76)

A maioria da população escolar está, portanto, muito distante de acionar práticas de ecletismo cultural que permitam transitar livremente entre o legítimo e ilegítimo neste campo. É por isso que ainda aspiram e legitimam os conhecimentos, que ainda hoje permanecem como privilégio das reduzidas elites escolares. Por outro lado, a concentração de renda no Brasil cria um verdadeiro abismo entre os estilos de vida dos diferentes estratos da população brasileira, abismo esse que permite a recriação de fronteiras sociais e simbólicas entre os jovens de diferentes estratos da população, independentemente da ampliação das trajetórias escolares até o nível universitário.

Para concluir estas reflexões, gostaria de reafirmar a nossa hipótese de centralidade da escola para aqueles setores que não têm acesso aos padrões de consumo e estilos de vida e que garantem acesso a um amplo conjunto de recursos materiais e simbólicos, viabilizando trajetórias escolares e sociais de prestígio. Relacionada a esta hipótese está, como já afirmamos, a relativização do suposto enfraquecimento do poder da escola na imposição de uma ordem cultural pautada no domínio da norma culta e dos conteúdos e currículos escolares, enfatizados pelas instituições formadoras das elites escolares.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *La Distinction. Critique Social du Jugement*. Paris: Minuit, 1979.

BRANDÃO, Z. e MARTINEZ, M. E. E. Elites escolares e Capital Cultural. *Boletim SOCED, pré-print*, n. 3, 2006. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-

rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/8466.PDF?NrOcoSis=25022&CdLinPrg=p>. Acesso em 23 de fevereiro de 2008.

BRANDAO, Z.; ALTMAN, H. Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus. Boletim SOCED, *pré-print*, n. 3, 2006. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-binbin/PRG_0599.EXE/8466.PDF?NrOcoSis=25022&CdLinPrg=p>. Acesso em 23 de fevereiro de 2008.

BRASIL. Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Ministério da Educação e do Desporto. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP. Disponível em: <http://www.enem.inep.gov.br/index.>. Acesso em 26 de maio de 2008.

BRASIL. Prova Brasil: Avaliação do Rendimento Escolar. Ministério da Educação e do Desporto. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP. Disponível em: http://provabrasil.inep.gov.br/. Acesso em 26 de maio de 2008.

CANCLINI, N. G. Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: 1998.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Fonte: http://www.cg.org.br. Acesso em: 18 de abr. de 2008.

COSTA RIBEIRO, C. A. Mobilidade social passada e futura. Correlações com opiniões políticas, percepções sobre conflito e sobre chances de vida. In: SCALON, C. (org.) Imagens da Desigualdade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

COULANGEON, P. Classes Sociales, pratiques culturelles et styles de vie. Le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète? In: Sociologie et Sociétés. Vol XXXI, 1, 2004.

DANTAS, M. A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DONNAT, O. La transmisión des passions culturelles. Regards sur les parents d'aujourd'hui : Enfances, Familles, Générations, Paris, n.1, 2004. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/efg/2004/v/n1/008895ar.html>>. Acesso em: 30 de abril de 2005.

DONNAT, O. Regards croisés sur les pratiques culturelles. Paris: Editions La Documentation Française/INSEE, 2003.

ORTIZ, R. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, E. A desigualdade na cisão das elites e do povo brasileiro. In: SCALON, C. (org.) *Imagens da Desigualdade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

SCALON, C. Percepções de desigualdades. Uma análise comparativa internacional. In: SCALON, C. (org.) *Imagens da Desigualdade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

SCALON, C. (org.) *Imagens da Desigualdade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

SOUZA, J. Modernização periférica e naturalização da desigualdade. In: SCALON, C. (org.) *Imagens da Desigualdade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, 2004.

VALLE E SILVA, N. e HASENBALG, C. *Origens e Destinos. Desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2000.

XAVIER, A. *Jovens elites escolares. Uma análise sociológica dos hábitos de leitura*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.